

Elba, mais longe de Collor

PATRÍCIA ZAIRAN

Elba Ramalho não vai mais emprestar a euforia do seu canto popular nem o sucesso das suas pernas sensuais aos 35 comícios que o amigo Fernando Collor de Mello (PRN) fará para pedir votos aos brasileiros. Ela reduziu a oito o número de aparições ao lado do candidato à Presidência e garantiu que a decisão “não tem nada a ver” com o fato de o compositor Geraldo Azevedo tê-la proibido de interpretar suas canções em palco “collorido”.

“Tenho muito trabalho no Exterior e não poderei estar nos 35 comícios”, explica. Elba ainda não conversou com Geraldo, mas acredita que conseguirá convencê-lo de que a participado por Collor é “simplesmente profissional”. Portanto, não estará cometendo sacrilégio algum ao cantar *Canção da Despedida*, *Espiral do Tempo* ou *Luã*

— de autoria do compositor nordestino — para juntar gente embaixo do palanque de Collor.

“Geraldo é meu compadre e amigo. Está mal informado politicamente e sofre influências



AE

Elba e Geraldo: show curto

de José Carlos Capinam, eleitor de Ulysses Guimarães”, ataca. Para desvencilhar-se do compromisso com Collor — ela não revela o valor do contrato — não pagou multa. “Fernando foi bacanêrrimo”, alegra-se. Elba afirma ser “mentira pura” que também o compositor Chico Buarque de Holanda lhe tenha pedido para não usar suas obras na campanha do caçador de marajás. “Chico pratica a democracia e não faria uma coisa dessas”, rebate.

Descrente da política, Elba garante que não pedirá votos para Collor. “Vou apenas cantar a minha arte”, avisa. A artista — que já votou em Fernando Gabeira (PV), pediu diretas com Leonel Brizola (PDT) e animou com *Banho de Cheiro e Bate Coração* a campanha de Collor, em 1986 — não tem candidato: “Ando tão triste que não sei se estarei no País na eleição”, resmunga.